http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/disputa-de-sentidos/

A disputa de sentidos da desinformação no novo regime climático: uma análise de discurso no jornal *O Globo*

Cláudia Herte de Moraes[1]

Vanesa Romansin[2]

Simony Grave[3]

RESUMO: Este estudo analisa o discurso do jornal *O Globo* sobre desinformação climática no período de 2023 a 2025, com ênfase na cobertura de eventos extremos, como o desastre do Rio Grande do Sul. Adota a abordagem qualitativa a partir da Análise do Discurso francesa (Pêcheux e Orlandi), examinando sete textos jornalísticos para identificar enquadramentos e Formações Discursivas que disputam a verdade no espaço público. Revela como o jornal atua como uma instância de reparação epistêmica, buscando restaurar a credibilidade científica contra narrativas negacionistas de redes sociais, mapeadas pelo NetLab (UFRJ). O discurso do jornal responsabiliza interesses econômicos e políticos, trazendo críticas inclusive a posturas jornalísticas. No conjunto dos textos, apresenta três FDs (Negacionista, Fossilista e Simbólica), com enquadramentos que situam a desinformação como obstáculo à ação coletiva, demandando esforços no jornalismo, na checagem de fatos e na educação midiática.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação climática. Novo regime climático. Análise do Discurso. Jornal *O Globo*. Eventos extremos.

The dispute over the meanings of disinformation in the new climate regime: a discourse analysis in *O Globo newspaper*

ABSTRACT: This study analyzes the discourse of *O Globo* newspaper about climate disinformation in the period from 2023 to 2025, with emphasis on the coverage of extreme events such as the disaster of Rio Grande do Sul. Adopts a qualitative approach from the French Discourse Analyses (Pêcheux and Orlandi), examining seven journalistic texts to identify frameworks and Discursive Formations that dispute truth in public space. It reveals how the newspaper acts as an instance of epistemic reparation, seeking to restore scientific credibility against negationist narratives from social networks, mapped by NetLab (UFRJ). The newspaper's speech blames economic and political interests, bringing criticism even to journalistic postures. In the set of texts, it presents three FDs (Negationist, Fossilist, and Symbolic), with frameworks that place disinformation as an obstacle to collective action, demanding efforts in journalism, fact-checking, and media education.

KEYWORDS: Climate disinformation. New climate regime. Discourse Analysis. O Globo newspaper. Extreme events.

Introdução

A emergência climática contemporânea não se manifesta apenas por meio de alterações biofísicas extremas (IPCC, 2023), mas também por meio de uma crise epistêmica profunda que compromete a integridade do ambiente informacional global. O portal oficial da Direção-Geral da Ação Climática, um departamento da Comissão Europeia (2024) responsável pela execução das políticas de combate às alterações climáticas da União Europeia, define a desinformação climática como a disseminação deliberada de informações falsas ou enganosas sobre as causas, consequências e soluções ao aquecimento global. Este fenômeno consolidou-se como um obstáculo crítico à implementação de políticas públicas e à mobilização social necessária à transição ecológica. No campo da Comunicação, quando esse ambiente desinformativo se conecta aos desastres socioambientais, é perceptível uma perda social muito intensa. Nestes momentos, a vulnerabilidade das populações e a demanda por respostas rápidas são exploradas por agentes que buscam desestabilizar instituições e promover interesses privados (Essien, 2025).

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa (Guerra *et al.*, 2024) para compreender de que forma o jornal *O Globo* deu espaço ao tema da desinformação climática entre 2023 e 2025. Por meio de uma revisão bibliográfica (Minayo, 1994), na parte teórica, desenvolvemos os tópicos sobre desinformação climática focada em desastres, mapeando as formas de circulação e o papel da cobertura sobre mudanças climáticas pelo jornalismo. Utilizamos a Análise de Discurso (Pêcheux, 1995; 2008) também como aporte teórico-metodológico, buscando os elementos discursivos que moldam a produção de sentidos do jornal *O Globo* sobre a desinformação.

A relevância deste estudo reside na interseção crítica entre o colapso climático e a integridade do debate público. No Brasil, onde a mediação da realidade passa invariavelmente pelos grandes conglomerados de comunicação, investigar como um dos jornais de maior influência e longevidade do país enquadra a desinformação é fundamental para compreender os limites da nossa democracia frente ao "novo regime climático" (Latour, 2022). Portanto, a validade desta pesquisa sustenta-se na necessidade de pensar de que forma a desinformação climática não é apenas um "erro factual", mas uma estratégia política que retarda a adaptação e a resiliência. Ao focar no período recente, o estudo captura o impacto de eventos extremos catastróficos, como as enchentes de 2024, consideradas o maior desastre na história do Rio Grande do Sul: "dos 497 municípios gaúchos, 478 foram afetados, com quase 2 milhões e 400 mil pessoas impactadas." (ANA, 2025). Observar esse período pode funcionar como um termômetro de como o jornalismo de referência (Zamin, 2014) reage à instrumentalização do medo e da incerteza por meio de narrativas falsas.

Fundamentos teóricos da desordem informacional climática

A desordem da informação, conforme Wardle e Derakhshan (2017), se articula à proliferação de fake news, sob o disfarce de pluralismo e liberdade de expressão, permitindo que retóricas populistas e sentimentos anti-intelectuais ganham tração ao apelarem ao "bom senso popular" em detrimento da expertise científica. Esse fenômeno resulta no que pesquisadores denominam erosão do bem-estar epistêmico, quando a capacidade coletiva de processar informações confiáveis para a tomada de decisões é severamente comprometida. (Essien, 2025). Desta forma, o fenômeno também se associa à erosão da autoridade científica.

O estudo da desinformação climática exige uma fundamentação que transcenda o entendimento da importância da verificação de fatos (*fact-checking*), para adentrar nas dinâmicas de poder e de saber, entendendo o poder como algo que não pertence aos indivíduos e está sempre em disputa: "Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles". (Foucault, 2004, p. 193 *apud* Brígido, 2013)

Ao tratar historicamente a desinformação climática, a Comissão Europeia (2024) indica que essa evoluiu de uma negação perentória da existência do aquecimento global para formas mais dissimuladas de obstrução. Com isso, o ceticismo estratégico substituiu a negação cega, focando, agora, em semear dúvidas sobre a viabilidade econômica das soluções, a gravidade dos impactos e a credibilidade dos modelos climáticos. Essa mudança tática visa criar um estado de paralisia deliberativa, retardando ações legislativas e diluindo a urgência necessária para enfrentar a crise (ONU Brasil, 2023; BUSS *et al*., 2025). Por outro lado, é importante compreender a complexidade envolvida, pois a desinformação moderna também se apropria de narrativas de justiça social e de questões locais para "modernizar" o discurso negacionista, utilizando técnicas de manipulação da linguagem que mimetizam as preocupações ambientalistas para, paradoxalmente, obstruir políticas de mitigação (Santini e Barros, 2022; Moraes, 2025).

Eventos climáticos extremos funcionam como gatilhos ideais para a disseminação de desinformação. A incerteza, o medo e a interrupção dos canais oficiais de comunicação durante desastres criam vácuos informacionais que são rapidamente preenchidos por narrativas conspiratórias. A análise das enchentes no Rio Grande do Sul em 2024, por exemplo, revela como o desastre foi explorado por influenciadores digitais e políticos para deslegitimar a ação estatal e desviar o foco das causas estruturais ligadas às mudanças climáticas. Mesmo diante da calamidade pública, há ampla circulação de conteúdos desinformantes. "Tais conteúdos atrapalham trabalhos de assistência à população atingida pelas enchentes e são utilizados por personalidades que buscam lucrar com a tragédia, bem como obter engajamento ou apoio político."(NETLAB/UFRJ, 2024, p. 5).

Nessa perspectiva, Feitosa (2025) argumenta que catástrofes ambientais tendem a ser acompanhadas por uma crise de desinformação, na qual a circulação de conteúdos falsos ou enganosos compromete a capacidade da sociedade de interpretar o evento e responder adequadamente a ele. Nesse ecossistema desordenado, a circulação multiplataforma desafia o

papel institucional do jornalismo historicamente posicionado, com valores acerca da busca da veracidade e da qualidade da informação. Mesmo que jornais impressos e portais digitais não operem sob regime jurídico restrito de concessões públicas de radiodifusão, partilham de uma mesma responsabilidade social e política na manutenção do ecossistema comunicativo. Assim, quando as redes sociais digitais operam na produção deliberada de ignorância (Santini e Barros, 2022), a mídia tradicional acaba tensionada a atuar como uma barreira simbólica contra o colapso do debate.

Cobertura jornalística de eventos extremos

As mudanças climáticas (MC) comprometem a manutenção humana, segundo Damacena (2021), e acarretam riscos aos direitos humanos básicos, à segurança pública, à alimentação, à água e à energia. Em geral, as MC exacerbam padrões de pobreza e desigualdade, escalonando-se globalmente e atingindo, sobretudo, os mais vulneráveis. Na escolha de enquadramento, o jornalismo desempenha um papel essencial na construção discursiva da sociedade e na adoção de perspectivas mais amplas e democráticas. Para Girardi e Moraes (2013), o jornalismo deve adotar uma abordagem mais sensível e responsável ao tratar de temas relacionados às mudanças climáticas, dada a ampla repercussão desses fenômenos na vida dos seres vivos, para garantir uma informação mais abrangente e complexa sobre os eventos climáticos. A questão deve ser entendida, ainda, como uma questão de direitos humanos e na cobertura midiática incluir elementos críticos que atingem as populações vulnerabilizadas, os mais pobres, mas também mulheres, crianças e idosos, que sofrem pela qualidade e falta de acesso à alimentação, água, saúde, habitação, entre outros. (Moraes, 2022).

Segundo Loose (2021), para que o Brasil possa buscar por soluções climáticas sustentáveis, é necessário contemplar a sociedade, o setor privado e as esferas governamentais com informações qualificadas, papel que também cabe ao jornalismo. Conforme Moraes (2025), a eficácia das políticas climáticas esbarra no paradoxo da percepção pública: embora haja consenso sobre a origem antropogênica da crise, a consciência não se traduz em ação coletiva, gerando um cenário de pessimismo e paralisia.

No âmbito social da desordem informacional, questões como barreiras psicológicas, modelos mentais e o viés de confirmação levam ao processamento seletivo de informações, bem como um conjunto de preocupações na vida cotidiana coloca a ameaça climática para o fim das prioridades diante de crises imediatas. (Shome & Marx, 2016). Há ainda a tendência à ação única reduzida e soluções fáceis, diminuindo o engajamento sistêmico pela escolha de saídas individuais e simplificadas (OIMC/OPEL, 2025).

Metodologia: AD e Enquadramento discursivo na cobertura jornalística

Essa pesquisa é qualitativa, pois "se concentra em símbolos, crenças, valores e relações humanas de determinado grupo social". (Guerra *et al.*, 2024, p. 4). Possui caráter exploratório e documental, fundamentada na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, conforme Michel Pêcheux (1995, 2008) e Eni Orlandi (2001, 2007). Parte do pressuposto de que o discurso está em constante movimento, "marcado sócio-histórico-ideologicamente" (Fernandes, 2008, p. 20). Assim, o dito e o não dito estão em relação recíproca entre ideologia e linguagem, gerando discursividade atravessada por interdiscurso, memória discursiva e posições-sujeito (Orlandi, 2001).

O enquadramento adotado na cobertura jornalística vai além de uma mera transmissão de informações, configurando o discurso como um objeto sócio-histórico. A metodologia deste trabalho na perspectiva da AD francesa vê o funcionamento da linguagem como um processo de significação: "no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação" (Orlandi, 2007, p. 21).

Orlandi (2007) apresenta a AD não como uma "chave" interpretativa para se chegar à verdade oculta no texto, mas como gesto de interpretação que considera o sentido em relação ao contexto e ao co-texto. Segundo a autora, os objetivos simbólicos devem ser pensados em uma análise que: "implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se, assim, novas práticas de leitura. (Orlandi, 2007, p. 26-27)

No funcionamento discursivo, destaca-se o interdiscurso como o espaço da memória discursiva: novas formulações que buscam referências para gerar efeitos de sentido. Neste trabalho, incorporamos ainda a noção de enquadramento discursivo como um "dispositivo de análise para

perceber a articulação dos discursos a partir da prática discursiva específica do jornalismo, que aproxima agendamento e noticiabilidade aos sentidos construídos e suas respectivas formações discursivas." (Moraes, 2015, p.23).

As análises organizam-se, portanto, sob o eixo de Formações Discursivas que, segundo Pêcheux (1995), se dá por uma Formação Ideológica "a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, [e que] determina o que pode e deve ser dito" (p. 160). Assim, AD parte da opacidade da linguagem, dedicando-se à produção de conhecimento sobre o texto e sua materialidade simbólica.

Objeto: jornal *O Globo*

Fundado em 29 de julho de 1929, no Rio de Janeiro, por Irineu Marinho, *O Globo* consolidou-se ao longo do século 20 como um dos maiores conglomerados midiáticos do país; o veículo ocupa posição de destaque na estrutura do sistema brasileiro de comunicação, exercendo influência significativa na formação da opinião pública e na mediação de debates políticos e sociais. Historicamente, o jornal construiu uma trajetória marcada pela interlocução com o campo político e econômico, participando ativamente de momentos decisivos da vida pública nacional.

> Desde as primeiras edições, O Globo tornou-se uma cartilha moral cotidiana a cobrar progresso, urbanização e limpeza social das cidades. Festejou a iniciativa privada, a industrialização, o livre mercado, a classe média consumidora e as ideias de modernização vindas dos Estados Unidos e da Europa. (Góes, 2025, online).

No contexto contemporâneo, *O Globo* mantém uma forte presença no ambiente digital, ampliando seu alcance por meio de plataformas online e redes sociais. Esse movimento está inserido em um processo mais amplo de reconfiguração das rotinas jornalísticas, no qual a produção de conteúdo passa a priorizar a circulação imediata de informações no ambiente digital. Como observa Moretzsohn (2014), a adoção de uma lógica orientada ao online implicou mudanças significativas na organização das redações, com a antecipação de horários, intensificação do ritmo de trabalho e adaptação das práticas profissionais às demandas de atualização contínua e de circulação em múltiplas plataformas. Nesse cenário, o jornalismo digital passa a ocupar posição central nos procedimentos das empresas de mídia, influenciando tanto os modos de produção quanto as formas de consumo de notícias.

A escolha do jornal *O Globo* como objeto é fundamentada em sua centralidade no ecossistema midiático brasileiro, bem como sua capacidade de produzir discursos que reverberam nacionalmente. Por se tratar de um veículo de grande circulação nacional, suas abordagens tendem a influenciar a construção social dos sentidos atribuídos à desinformação ambiental. O estudo do "jornalismo de referência" (Zamin, 2014) pode ser do entendidos ainda a partir das teorias da circulação da informação, como "um registro disponível e durável" (Braga, 2017, p. 48), pontos fundamentais em que o debate público se movimenta, ainda que estejam em concorrência com inúmeros outros veículos e focos informativos. Nesse contexto, analisar como *O Globo* enquadra e nomeia a desinformação climática permite observar como um ator midiático de relevância participa da disputa de sentidos em torno da crise ambiental.

Percurso da Pesquisa

A delimitação do corpus circunscrita ao jornal *O Globo* leva em consideração a centralidade histórica no cenário midiático brasileiro, além de possuir uma ampla circulação nacional, influenciando consideravelmente a formação da opinião pública, como discutido anteriormente. Foram utilizados os termos de pesquisa: "desinformação climática", "desinformação clima", "negacionismo ambiental", "desinformação e desastres", "desastres socioambientais desinformação", "fake news climática", "fake news ambiental", "negacionismo climático" e "fake news desastres", recorte temporal amplo de 2020 a 2025. Foram localizados sete textos, entre artigos, colunas e reportagens, publicados, no próprio mecanismo de busca de *O Globo,* porém datados entre 2023 a 2025. Como critério de inclusão e seleção das matérias consideraram-se textos em que a desinformação climática e/ou ambiental fosse elemento central da abordagem, textos com menções periféricas ou repetidas foram excluídos da análise.

É fundamental explicitar que, sob a ótica da Análise de Discurso Francesa, o jornalismo de referência é compreendido como um espaço de arquivo e um dispositivo de enunciação estruturado. Como propõe Moraes (2015), o jornalismo ocupa um lugar discursivo legitimado e organiza a circulação de certos discursos. Portanto, incluir tanto reportagens quanto artigos de opinião no *corpus* da pesquisa não visa mapear uma suposta opinião do veículo, mas investigar de que forma o espaço do dizer ocupado pelo jornal abre a certas Formações Discursivas pois, mesmo

quando se diz apenas mediador, os dizeres estão interpelados das condições de produção do próprio veículo. Analisar o conjunto de textos sobre a temática em questão permite capturar as contradições inerentes ao próprio fazer jornalístico, que organiza os discursos entre o papel de mediação e disputa de opinião pública, especialmente quando tratamos de um tema de vertente científica, como as alterações climáticas.

A investigação buscou identificar os enquadramentos discursivos atribuídos à desinformação climática. Para auxiliar na identificação de padrões recorrentes, foram consideradas as tipologias de narrativas desinformativas sistematizadas pelo NETLAB/UFRJ (2024) a partir do monitoramento de conteúdos circulados durante as enchentes no Rio Grande do Sul:

> (1) afirmar que a resposta governamental tem sido insuficiente; (2) negar a relação entre os eventos e as mudanças climáticas; (3) inserir a tragédia nas pautas morais e em teorias da conspiração; (4) inflar o papel de seus aliados na resposta à crise; e (5) se beneficiar da tragédia através de autopromoção, pedidos de doação e fraudes (NETLAB/UFRJ, 2024, p. 5)

Além das tipologias de narrativas desinformativas identificadas pelo NETLAB, a análise também considerou outros aspectos discursivos: os modos de nomeação empregados, observando de que maneira termos são mobilizados para qualificar práticas informacionais e quais efeitos de sentido produzem no enquadramento sobre o fenômeno; a construção dos atores sociais envolvidos, considerando como diferentes sujeitos são posicionados discursivamente nas matérias e vozes acionadas; os processos de responsabilização e/ou apagamento presentes nos textos, analisando como as matérias atribuem ou diluem responsabilidades na circulação da desinformação; os efeitos de evidência e de naturalização em torno de determinadas interpretações.

Desta forma, a perspectiva adotada para analisar *O Globo* implica compreender como um dos principais veículos da mídia nacional reage ao contexto e tipologias desinformativas já mapeadas e, desta forma, refletir como e se a cobertura avança em direção a novos imaginários climáticos ou se recua para a reiteração de enquadramentos institucionais e burocráticos.

Contextualização do *corpus* e lógica analítica

A partir do entendimento do papel do jornalismo e de sua importância na construção dos discursos sobre a desinformação diante das mudanças climáticas, nesta seção apresentamos um gesto de interpretação (Orlandi, 2007), cujo principal objetivo é compreender como *O Globo* atuou

na discursivização do tema. A análise é relatada a partir de Sequências Discursivas (SDs), relacionando-as às condições de produção que, para Pêcheux (1997), funcionam como a ligação das circunstâncias de um discurso e seu processo de produção, desta forma superam a ideia de contexto e situação, pois são condições marcadas pela história e pela ideologia. As SDs foram separadas a partir de uma leitura analítica, com a identificação das marcas discursivas, portanto, as sequências são trechos em que, pelo gesto de interpretação, se identifica como essencial para a organização de determinado discurso.

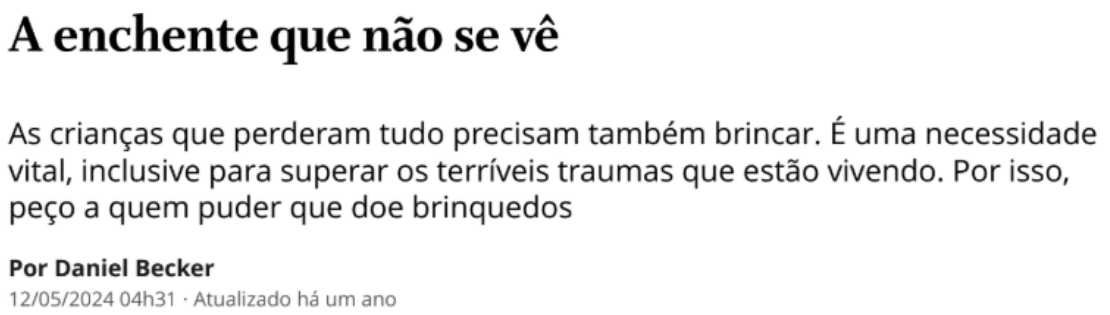
A organização dos textos que compõem este *corpus* não segue um critério estritamente cronológico, mas sim uma lógica de progressão discursiva. Optou-se por apresentar os achados a partir da forma como os elementos de cada texto se encaixam na organização geral dos sentidos construídos pelo jornal *O Globo* entre 2023 e 2025. Esta disposição permite observar o fenômeno da desinformação climática não como eventos isolados no tempo, mas como um conjunto de movimentos que vai da identificação e nomeação do problema até as formas de endereçamento institucional e social.

Análises

As análises discutidas nesta seção buscam compreender como os sentidos do discurso são captados em Formações Ideológicas subjacentes, que naturalizam sentidos nas Formações Discursivas observadas. Destacamos termos como “negacionismo”, “fake news” e “desinformação" como elementos essenciais na investigação do discurso jornalístico, para compreender as FDS Negacionista, Fossilista e Simbólica identificadas no *corpus*, destacando as marcas de cada texto.

No artigo "A enchente que não se vê” (Figura 1), observa-se a construção de diferentes atores sociais mobilizados para interpretar o desastre climático ocorrido no Rio Grande do Sul.

Figura 1: Fragmento artigo Daniel Becker (SD 1)



A enchente que não se vê

As crianças que perderam tudo precisam também brincar. É uma necessidade vital, inclusive para superar os terríveis traumas que estão vivendo. Por isso, peço a quem puder que doe brinquedos

Por Daniel Becker
12/05/2024 04h31 · Atualizado há um ano

Fonte: Becker (2024)

Na SD 1 (Figura 1), observa-se que as vítimas estão nomeadas como foco do desastre, com isso emerge o sentido da dimensão humanitária, associando a tragédia às consequências sociais e emocionais. As vítimas são convocadas para trazer força e apelo de sensibilização em direção à mobilização social. O enquadramento discursivo se dá em articulação à FD que traduz o negacionismo, na medida em que apresenta pessoas reais em sofrimento pelo regime climático. Em outros trechos, com a voz autorizada por meio de relatórios científicos, as causas e os desdobramentos da crise são explicitadas. Quando isso acontece, o discurso opera a nomeação, entendida na AD como processo político do gesto de interpretação, inscrevendo o sujeito e o sentido na história (Orlandi, 2001).

Figura 2 – Fragmento artigo Daniel Becker (SD 2)

Não podemos ignorar a conexão entre esses fenômenos e o negacionismo. Numa imagem que circula nas redes, um jovem segura um cartaz onde se lê: "no começo de todo filme de catástrofe há um cientista sendo ignorado".

Fonte: Becker (2024)

A análise da SD 2 (Figura 2) revela o funcionamento do interdiscurso ao convocar a memória cinematográfica e assim articular a imagem do jovem com seu cartaz à realidade das enchentes. A SD 2 traz o efeito de evidência pelo meme do "cientista ignorado" e, com isso, o efeito de sentido produzido é de que a catástrofe não é um evento de ordem do imponderável, mas o resultado prévio de um silenciamento deliberado. A não escuta é esse pré-construído, "o cientista ignorado",

estabiliza o sentido do negacionismo como motor da tragédia. Com isso, posiciona o interlocutor em um lugar de urgência ética, que prescreve admitir a conexão climática ou tornar-se cúmplice deste roteiro conhecido de destruição.

Compondo a FD Negacionista, o discurso responde à responsabilização e desloca a tragédia da esfera do "natural" para a ação humana. A força científica do discurso emerge justamente nesse movimento: o texto não apenas cita previsões do IPCC e de cientistas gaúchos, mas as mobiliza como instância que antecipa o evento. Com isso, os sentidos se completam com o valor da autoridade científica no movimento discursivo que constrói a nomeação do negacionismo: articula crise climática, previsões científicas e decisões políticas relacionadas à regulação ambiental.

Na SD 3 (Figura 3), há direcionamento de responsabilidade. Produz aqui o sentido de que, mesmo tendo o negacionismo se intensificado com as mídias digitais, outro elemento a questionar é a própria esfera governamental. Com as marcas discursivas identificadas, direciona a ação e omissão pelos verbos "alterou", "permitiu", "facilitou crimes", "tentou isentar emissores", ou seja, nomeia a esfera de autoridade e poder que, de posse de conhecimento, decidiu seguir com seu projeto de "modernização".

Figura 3 - Fragmento artigo Daniel Becker (SD 3)

> O próprio governo Eduardo Leite, no Rio Grande do Sul, é um bom exemplo: inspirados em Ricardo Salles, alterou quase 500 pontos do código ambiental do estado, num retrocesso de 40 anos, segundo ambientalistas, e chamado de "modernização" pelo governo. Permitiu a exploração de áreas de preservação, inclusive a construção de barragens, afrouxou a proteção de nascentes e florestas, facilitou o crime ambiental, e tentou isentar os setores pecuarista e agroindustrial (líderes na emissão de gases do efeito estufa) de fiscalização ambiental, com o autolicenciamento.

Fonte: Becker (2024)

No enfoque da desinformação e dos sentidos da percepção pública sobre a crise ambiental, o discurso traz para o campo de interesses econômicos e políticos envolvidos na disseminação desses conteúdos e, desta forma, se organiza um recorte ideológico dos interesses da indústria do petróleo, entre outras. O discurso é eminentemente científico, produzindo efeitos de evidência e

de consenso. Nesta FD, a desinformação é um obstáculo à ação coletiva e colocada em lado oposto ao sentido do consenso, desta forma os negacionistas fazem parte das artimanhas políticas e econômicas que disputam os sentidos da crise climática no espaço público.

Figura 4 - Fragmento coluna Ortellado (SD 4)



Como lidar com a desinformação?

Não foram os fatos que formaram as convicções; foram as convicções que convocaram os fatos

18/05/2024 00h05 · Atualizado há um ano

Fonte: Ortellado (2024).

Na SD 4 (Figura 4), a desinformação é discursivizada como um fenômeno central na interpretação da crise climática e humanitária no Rio Grande do Sul com a oposição clássica entre fatos e convicções. O texto constrói um enquadramento no qual as redes sociais aparecem como um ambiente de circulação massiva de conteúdos enganosos, descritos como "informações distorcidas, exageradas, retiradas de contexto ou simplesmente falsas". Também, no nível da construção dos atores sociais, observa-se a presença de agentes políticos como protagonistas do debate público. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o governador Eduardo Leite aparecem como figuras centrais na narrativa, mencionados como alvos de ataques e críticas nas redes sociais. E assim, no contexto de crise, se coloca uma disputa discursiva sobre responsabilidades e respostas governamentais como um elemento estruturante da circulação de desinformação.

Além disso, o próprio colunista se coloca na posição de voz especializada no debate público. Ao interpretar os mecanismos de circulação de conteúdos enganosos e discutir seus impactos sociais e políticos, assume um papel explicativo, aproximando-se da função de fonte especialista sobre a cobertura jornalística. Esse movimento reforça a presença de atores considerados legitimados para interpretar o fenômeno informacional, em detrimento da presença de fontes testemunhais ou de sujeitos diretamente afetados pela catástrofe, uma característica discutida nas análises sobre a própria cobertura de desastres e eventos extremos (Amaral, 2015).

O discurso traz o enquadramento de que a desinformação não se limita à circulação de fatos falsos, mas está relacionada a processos cognitivos e políticos mais amplos, nos quais crenças prévias orientam a seleção e interpretação de informações, corroborando a literatura sobre o tema (Shome & Marx, 2016; Essien, 2025). Dessa forma, constrói a desinformação como um fenômeno estrutural do ambiente digital contemporâneo, reforçando a ideia de que crises e desastres ampliam a visibilidade e o impacto desses conteúdos no debate público.

Figura 5 - Fragmento coluna Ortellado (SD 5)

> Foi para respaldar essa insatisfação e indignação com os governos que os boatos se disseminaram. Não foram os fatos que formaram as convicções; foram as convicções que convocaram os fatos. E, uma vez convocados, esses fatos foram produzidos. Parte deles pela confusão e incerteza da situação, parte pela raiva do cidadão comum indignado, parte pela militância organizada bolsonarista.

Fonte: Ortellado (2024).

A análise da SD 5 (Figura 5) revela o funcionamento da interpelação ideológica operada pelo discurso. Ao afirmar que “as convicções convocam os fatos”, Ortellado expõe a primazia da Formação Discursiva sobre a evidência empírica. No contexto das enchentes, o fato desinformativo não surge da mente de marqueteiros, mas, sobretudo, como produção simbólica inserida em uma lógica que confere aos meios de imprensa uma função deliberada de reprodução social. Nessa dinâmica, emerge no discurso o poder simbólico formulado por Pierre Bourdieu (1989), que opera invisivelmente, moldando percepções, produzindo subjetividade e orientando consensos aparentemente naturais, entendidos aqui como um pré-estabelecido de “indignação institucional”. Esse fenômeno ocorre na FD Simbólica, na qual o jornalismo ocupa lugar central como agente de reprodução: ao selecionar, enquadrar e narrar acontecimentos, cristaliza representações sociais e legitima visões de realidade, no contexto de uma oferta pública de sentidos. Assim, interpela ideologicamente os sujeitos para uma leitura dos fatos alinhada à indignação contra o Estado, priorizando convicções políticas sobre dados empíricos das enchentes.

A disputa de sentidos se coloca também a partir das causas da desinformação, que partem de, pelo menos, três elementos: da incerteza do evento em casos de eventos extremos, passam pelo sentimento de raiva do cidadão revelando sua condição psicossocial e se conectam aos movimentos de militância política. Chama a atenção também uma postura autocrítica, na Figura 6 (SD 6).

Figura 6 - Fragmento coluna Ortellado (SD 6)

> Não precisamos deixar de contestar a desinformação, mas precisamos contestar com postura diferente. A que temos adotado — de portadores de uma verdade rigorosamente estabelecida com critérios científicos e jornalísticos — não é apenas tremendamente ineficaz. É também arrogante, presunçosa e desrespeitosa.

Fonte: Ortellado (2024).

A condição política é trazida de forma estratégica pela desinformação. O jornal, ao abrir espaço para tal opinião, se coloca como instância racionalista frente ao caos das redes sociais. Por outro lado, o contexto da desinformação dificulta e invalida, em muitos casos, o papel e a necessidade do jornalismo. Desta forma, acaba sendo uma oportunidade de repensar, de forma crítica, o posicionamento de jornalistas e jornais diante dos eventos climáticos extremos para que tenham uma comunicação eficaz contra a desinformação, sem produzir os efeitos de uma postura “arrogante, presunçosa e desrespeitosa".

Figura 7 - Fragmento reportagem Almeida *et al*. (SD 7)



Desinformação climática entra na mira dos debates na COP30, que é alvo de fake news nas redes

Declaração de integridade com adesão de 12 países foi lançada na conferência

Por Esther Almeida, Luis Felipe Azevedo, Janaína Figueiredo e Rafaela Gama — Rio e Belém
15/11/2025 03h30 · Atualizado há 3 meses

Fonte: Almeida *et al.* (2025).

A reportagem "Desinformação climática entra na mira dos debates na COP 30, que é alvo de Fake News nas redes" de Almeida *et al*. (2025) traz um enquadramento do fenômeno como um problema político e internacional relacionado à governança ambiental (Figura 7). O texto da SD 7 destaca que o tema ganhou protagonismo durante a conferência, a partir do lançamento da Declaração sobre Integridade da Informação sobre Mudanças Climáticas, apresentada como uma iniciativa que busca enfrentar a circulação de conteúdos falsos no debate climático.

No nível da construção dos atores sociais, a narrativa privilegia a atuação de chefes de Estado, organizações internacionais e especialistas. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva aparece como um dos principais protagonistas do discurso político apresentado na reportagem, ao defender a necessidade de combater o negacionismo climático. Além disso, instituições como a UNESCO e a Organização das Nações Unidas são mencionadas como participantes da iniciativa internacional voltada à integridade da informação climática, reforçando o caráter institucional do debate.

Outro aspecto relevante nessa reportagem é a presença de especialistas como fontes legitimadas para interpretar o fenômeno da desinformação. Pesquisadores como Marie Santini, diretora do NETLAB/UFRJ, são ouvidos para explicar as estratégias de manipulação informacional utilizadas por setores econômicos interessados em enfraquecer políticas ambientais. A especialista estabelece um discurso comparativo entre as manobras comunicacionais da indústria do tabaco e as práticas de desinformação associadas a empresas poluidoras, indicando que essas ações buscam produzir incerteza e retardar respostas políticas ao problema climático. Assim, os sentidos do discurso passam a ser também no acesso ao interdiscurso e da memória, sobre como a informação falsa é historicamente atrelada à prioridade do lucro.

Ademais, o discurso jornalístico faz sua seleção de fontes a partir do enquadramento discursivo (Moraes, 2015), apontando por exemplo a discussão de pesquisadores sobre os impactos da desinformação sobre o clima. A pesquisadora Letícia Capone, do Instituto Democracia em Xeque, é citada para dar ênfase discursiva sobre a circulação de conteúdos políticos estratégicos que contrapõem desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Essa perspectiva indica uma angulação sobre o fenômeno, direcionando o olhar à manipulação informacional mais sutil, dentro de disputas narrativas sobre políticas públicas.

Para observar os detalhes dessa construção discursiva, observemos a SD 8:

Figura 8 - Fragmento reportagem Almeida *et al*. (SD 8)

> — Ele passa por produzir ignorância e embaralhar os debates. A desinformação está baseada em estratégias de manipulação que são pensadas e articuladas. Elas têm uma intenção muito clara para quem as produz — diz a diretora do NetLab.

Fonte: Almeida *et al.* (2025).

Na SD 8 (Figura 8), identificamos que a posição-sujeito da especialista (NetLab) rompe com a ideia de que a desinformação seria um subproduto "natural" das redes sociais. Mas ao contrário, aponta para uma vontade de dizer que é organizada, com "uma intenção muito clara". Para a AD, podemos pensar novamente na exterioridade do texto, ou seja, a desinformação não nasce no texto em si, mas na Formação Ideológica que permite que essa produção de sentido se coloque. Nomeamos como Formação Discursiva Fossilista, que se relaciona aos interesses econômicos e industriais em escala mundial. O caráter fossilista ainda é um padrão de produção e consumo contemporâneo, baseado em fontes energéticas fósseis e na exploração mineral (Altvater, 1995 *apud* Minayo e Miranda, 2002). O sentido produzido é de que a desinformação é uma arma. Ao usar termos como "manipulação", "pensadas", "articuladas", o texto do jornal *O Globo* legitima a construção da imagem de uma fábrica de sentidos que opera para manter o *status quo* e que vai além de meras mensagens recebidas em grupos de whatsapp.

Figura 9 - Fragmento reportagem Almeida *et al*. (SD 9)

— A desinformação relacionada a clima e meio ambiente não vem só a partir de conteúdos denotadamente falsos. Muitas vezes ela acontece no meio de um discurso político estratégico, que é enviesado, opondo políticas desenvolvimentistas e a preservação do meio ambiente — ressalta.

Fonte: Almeida *et al.* (2025).

Analisando a SD 9 (Figura 9), temos o acionamento de memória discursiva, trazendo à tona um debate antigo quanto aos modelos de desenvolvimento, que são base para a questão ambiental e climática, um "discurso está também ancorado nas perspectivas relacionadas ao pensamento da modernização ecológica, do desenvolvimento sustentável e também em relação à percepção do risco e da incerteza da humanidade sobre seu futuro." (Moraes, 2015, p. 182). Esse "discurso político estratégico" aciona o interdiscurso para a construção do sentido, com a oposição incontornável, levando à ideia de que o indivíduo precisa escolher, ou pelo apoio ao modelo de desenvolvimento capitalista em que possa "comer e sobreviver" (discurso gerado a partir do valor do agronegócio, por exemplo) ou pelo suporte à preservação ambiental (geralmente atribuída ao cuidado da natureza, e que exclui o humano).

Figura 10 - Fragmento de reportagem *O Globo* (SD 10)

Do Brasil ao Quênia: desinformação climática ofusca ocorrência de inundações recordes

Alegações de que o clima havia sido manipulado surgiram após cada grande enchente deste ano, inclusive no Zimbábue, nos Emirados Árabes Unidos e em outros países

Por O Globo — Rio de Janeiro
12/06/2024 04h01 · Atualizado há um ano

Fonte: O Globo (2024).

A reportagem “Do Brasil ao Quênia: desinformação climática ofusca ocorrência de inundações recordes” (2024) aborda a circulação de desinformação climática após eventos extremos de inundação registrados em diferentes países, como Brasil, Quênia e Emirados Árabes Unidos (Figura 10). A ênfase do enquadramento discursivo se dá nos episódios de chuvas intensas e enchentes, que passaram a circular nas redes sociais narrativas e que atribuem esses fenômenos à manipulação artificial do clima, especialmente por meio da técnica conhecida como “semeadura de nuvens”. As fontes trazidas ao longo desta reportagem são majoritariamente especialistas vinculados a instituições científicas e organismos internacionais, com discursos técnicos sobre os fenômenos climáticos e destacam o consenso científico sobre a relação entre o aquecimento global e o aumento da frequência de eventos extremos. Há, no discurso jornalístico, o reforço à autoridade da ciência como principal referência para interpretar e contestar conteúdos desinformativos.

No nível da construção dos atores sociais, temos dois grupos principais: de um lado, os usuários das redes sociais e céticos do clima que difundem interpretações conspiratórias sobre os eventos climáticos; de outro, cientistas e pesquisadores que atuam como fontes especializadas responsáveis por explicar os fenômenos meteorológicos e contestar as informações falsas. Assim, estabelece-se uma oposição discursiva entre a circulação de narrativas conspiratórias no ambiente digital e a autoridade científica mobilizada pelo discurso jornalístico.

Figura 11 - Fragmento de reportagem *O Globo* (SD 11)

Callum Hood, chefe de pesquisas do Centro de Combate ao Ódio Digital, disse que à medida que eventos climáticos severos se tornam mais frequentes, "negacionistas do clima estão se esforçando mais para afirmar que esses extremos não têm nada a ver com a mudança climática". Segundo Hood, conforme mais alterações são registradas nas estações e nos ecossistemas, "um argumento ligeiramente mais conspiratório e mais novo" vai superando narrativas mais antigas que simplesmente negam o
Lincoln Muniz Alves, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), apontou que a disseminação de falsas narrativas não só obstrui a comunicação eficaz durante crises ambientais, mas também "reforça as visões daqueles que negam a realidade da mudança climática".

Fonte: O Globo (2024).

Observando-se a SD 11 (Figura 11), podemos refletir que a circulação dessas narrativas falsas não apenas compromete a compreensão pública, mas também pode dificultar a comunicação de riscos e a mobilização social diante da crise ambiental, trazendo “argumentos conspiratórios” sobre o funcionamento dos fenômenos climáticos que são mais sutis, como argumentam Lamb *et al.* (2020) sobre os “discursos do atraso”, que não pretendem refutar diretamente a ciência, mas semear dúvidas o suficiente para adiar, enfraquecer e até mesmo bloquear políticas públicas ambientais importantes. Nesse contexto, a desinformação é enquadrada a partir de uma Formação Discursiva Negacionista, pois as alegações trazidas pelos casos de desinformação se colocam no limiar da negação da ciência. Falar sobre a manipulação artificial do clima funciona como uma forma de deslocar a responsabilidade pelas mudanças climáticas e os consequentes eventos extremos. A FD Negacionista identifica esse discurso ideologicamente posicionado, que contribui para diminuição da percepção social da gravidade dos eventos extremos.

Figura 12 – Fragmento coluna Agualusa (SD 12)

O que fazer enquanto tudo arde?

Ou nos unimos todos, ou naufragamos todos. Não pode haver tolerância para quem coloca os seus interesses efêmeros acima dos interesses da Humanidade

Por José Eduardo Agualusa
21/09/2024 04h30 · Atualizado há um ano

Fonte: Agualusa (2024).

A coluna "O que fazer enquanto tudo arde?" (Agualusa, 2024) constrói um enquadramento discursivo da crise climática baseado na responsabilização humana e na urgência de uma ação coletiva. Logo no início do texto, o autor usa uma estratégia de dramatização ao afirmar que "o Brasil arde" (Figura 12) e que fenômenos semelhantes ocorrem em outras partes do mundo. Esse recurso amplia a percepção da crise ao situá-la em uma escala global, reforçando a ideia de que nenhum território está imune aos efeitos das mudanças climáticas.

Ao abordar as causas dos incêndios, o jornalista combina duas dimensões discursivas que formam um discurso mais complexo: a existência de ações criminosas diretas, como incêndios provocados, e o contexto estrutural da emergência climática, que facilita a propagação desses eventos extremos. Esse discurso desloca a narrativa de fenômenos naturais inevitáveis para um cenário de responsabilidade humana e econômica, criticando práticas associadas à exploração intensiva de recursos naturais (Figura 13).

Figura 13 - Fragmento coluna Agualusa (SD 13)

O negacionismo climático não é uma simples e inofensiva divergência política e filosófica; uma teimosia de pessoas desinformadas; um disparate risível, como o terraplanismo. Não: vejo-o como um ato de sabotagem. O negacionista conspira contra o esforço coletivo para enfrentar o apocalipse ambiental.

Fonte: Agualusa (2024).

As marcas discursivas remetem à Formação Discursiva Negacionista, uma vez que critica a forma como essa narrativa nega, de forma direta ou indireta, o grave momento que estamos enfrentando

com a crise climática. O autor faz ainda um apelo ético e político, sintetizado na frase “ou nos unimos todos, ou naufragamos todos”. Esse enunciado funciona como um chamado à ação coletiva, reforçando a ideia de que a crise climática não pode ser enfrentada apenas em nível local ou individual, mas exige cooperação internacional e mudanças estruturais nas relações entre sociedade, economia e meio ambiente. O uso de "todos”, no entanto, pode encobrir as grandes desigualdades sociais existentes no Brasil e no mundo, denunciadas, por exemplo, no pensamento contra-colonial de Bispo (2023).

Figura 14 - Fragmento artigo Veiga e Berlatto (SD 14)



Artigo: desinformação climática confunde, mas não convence completamente

Pesquisa indica que brasileiros acreditam em vídeos enganosos sobre a Amazônia, mas reafirmam a sua importância para o clima

Por Luciana Fernandes Veiga e Fábia Berlatto*

05/11/2025 03h30 · Atualizado há 4 semanas

Fonte: Veiga e Berlatto (2025).

O artigo “Desinformação climática confunde, mas não convence” (Veiga e Berlatto, 2025) analisa a vulnerabilidade da população brasileira na exposição a conteúdos enganosos relacionados às mudanças climáticas (Figura 14). O texto parte da circulação de um vídeo viral que afirma que a Amazônia representaria apenas 1% da superfície do planeta e, portanto, não teria influência significativa sobre o clima global. Esse exemplo é utilizado como ponto de partida para discutir os mecanismos de persuasão presentes em narrativas de desinformação.

O discurso utiliza a autoridade científica pois se baseia em uma pesquisa conduzida pelo INCT Redem (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia/Representação e Legitimidade Democrática), que realizou grupos focais com participantes de diferentes regiões e contextos socioeconômicos do país. O INCT indicou que cerca de três quartos dos participantes consideraram o vídeo verdadeiro,

revelando a capacidade de conteúdos enganosos de produzir credibilidade mesmo quando contradizem o consenso científico sobre o papel da Amazônia na regulação do clima.

Com isso, são destacados os elementos retóricos que contribuem para a aceitação da mensagem enganosa. Entre eles estão a autoridade do emissor, que se apresenta como especialista; o uso de dados numéricos e cálculos, que conferem aparência de rigor científico; a confiança performática na fala, expressa por um discurso firme; e a aprovação social do público, simbolizada pelos aplausos presentes no vídeo. Esses recursos discursivos são apontados como fatores que aumentam a credibilidade percebida da informação.

Figura 15 - Fragmento artigo Veiga e Berlatto (SD 15)

> Participantes de Porto Alegre e Maceió — cidades, respectivamente, devastada por enchentes e em meio a um acidente ambiental — apresentaram a maior aceitação entre todos os grupos. A experiência da tragédia não se mostrou associada à compreensão dos problemas ambientais. Assim, mesmo sendo vítima de fenômenos ambientais recentes, parte dos participantes assumiu o discurso classificado como enganoso sobre as causas climáticas".

Fonte: Veiga e Berlatto (2025).

Dessa forma, o discurso aqui se ancora na FD Negacionista, produzindo o sentido controverso de que, com uma dinâmica complexa diante de si, a desinformação confunde o receptor (Figura 15), pois mesmo quando os participantes classificaram o vídeo como verdadeiro, frequentemente manifestaram discordâncias fundamentais com sua conclusão, especialmente sobre a importância da Amazônia para o equilíbrio climático global. Essa contradição foi interpretada pelas autoras como uma forma de dissonância cognitiva, na qual os indivíduos reconhecem a autoridade aparente da mensagem, mas mantêm crenças prévias baseadas em conhecimentos ou experiências anteriores. Neste texto, surge também a ideia de enfrentamento da desinformação climática que exige métodos de comunicação científica mais acessíveis e investimentos em educação midiática.

Figura 16 - Fragmento coluna Alegria (SD 16)



Desinformação e mudanças climáticas

Um bate bola com Patrícia Blanco sobre a importância da educação midiática no enfrentamento à desinformação sobre mudanças climáticas nas escolas

Por João Alegria
02/12/2023 09h15 · Atualizado há 2 anos

Fonte: Alegria (2023).

A coluna "Desinformação e Mudanças Climáticas" (Alegria, 2023) aborda a circulação de informações falsas sobre a crise climática, a partir da perspectiva da educação midiática. O texto é estruturado como uma conversa com Patrícia Blanco, presidente do Instituto Palavra Aberta, cuja atuação no programa Educamídia é apresentada como referência na promoção da alfabetização midiática no contexto educacional (Figura 16). Essa formulação discursiva utiliza a autoridade de especialistas para legitimar o debate sobre o tema (SD 16).

O enquadramento selecionado é quanto à utilização intensiva das plataformas para disseminar desinformação, situando o fenômeno dentro do ambiente comunicacional contemporâneo. O discurso enfatiza o papel das redes e aplicativos na circulação de conteúdos falsos ou manipulados, a coluna associa a desinformação climática à dinâmica de circulação acelerada de informações nas mídias digitais. Ainda, há clara identificação da polarização política como um obstáculo ao debate público sobre mudanças climáticas. Os sentidos construídos portanto colocam a politização do tema como uma dificuldade para a formulação de soluções coletivas, ratificando a bibliografia e alertas sobre a desinformação (UNDP, 2025).

No efeito discursivo, temos ainda o sentido de que a polarização se conecta aos interesses econômicos, com a ideologia da manutenção de negócios da superexploração da natureza como aliada ao campo da extrema direita. Esse campo representa os interesses da elite, a qual utiliza as mudanças climáticas como uma oportunidade de negócios, caso do movimento ESG que "assumiu, nos últimos anos, protagonismo na agenda empresarial mundial, como uma tentativa de esverdear

o capitalismo e financiar soluções com potencial de frear a crise ambiental e manter a dinâmica de mercado". (Capeletti, 2024, p. 110).

Figura 17 - Fragmento coluna Alegria (SD 17)

> A campanha de desinformação que tentou associar Leonardo DiCaprio às queimadas na Amazônia também foi amplamente desmentida por diversos veículos de comunicação e agências de checagem de fatos, que demonstraram as inconsistências e as contradições do que se afirmava.

Fonte: Alegria (2023).

A produção de sentidos no caso da SD 17 destaca o importante papel de agências de checagem e de veículos jornalísticos na verificação dos fatos que são apresentados como verdades mesmo sem qualquer evidência factual. Ao apresentar esse caso, a coluna demonstra como a desinformação pode se estruturar a partir de acusações infundadas, manipulação de imagens e interpretações distorcidas de acontecimentos (Figura 17). O texto se organiza a partir da FD Simbólica (disputas ideológicas) que são articuladas pela ideia de uma polarização que impede a visualização da realidade, apoiando a desinformação mesmo quando não há o mínimo rastro de veracidade.

O enquadramento discursivo traz ênfase à necessidade de fortalecer a educação midiática nas escolas como forma de preparar cidadãos capazes de identificar fontes confiáveis, interpretar criticamente conteúdos e compreender os processos de manipulação da informação. Assim, entendemos que a coluna constrói um discurso no qual o combate à desinformação climática depende não apenas de checagem jornalística, mas também da formação de competências críticas na sociedade e se conecta aos elementos simbólicos e ideológicos envolvidos.

O quadro de sentidos

No percurso analítico, encontramos os movimentos para situar e nomear o fenômeno (como o negacionismo e o "cientista ignorado"), estabelecendo as bases do que o jornal define como "verdade". Da mesma forma, os enquadramentos apontam a investigação das causas e consequências estruturais (Formação Discursiva Negacionista), onde a desinformação é revelada como uma estratégia articulada por interesses econômicos e políticos (Formação Discursiva Fossilista). Em dois textos, o foco desloca-se para o impacto na população, analisando a

vulnerabilidade do receptor e a dissonância cognitiva em contextos de tragédia e as formas de endereçamento, que incluem a defesa da educação midiática e uma postura autocrítica do próprio fazer jornalístico (FD Simbólica). O Quadro 1 sintetiza o mapeamento das Formações Discursivas (FDs) que sustentam essa disputa de sentidos no espaço público.

Quadro 1 - Síntese do *corpus* analisado

Ordem Analítica	Texto / Autor	Eixo Temático	FD Predominante
1. Nomeação	Becker (2024)	Identificação do negacionismo	Negacionista
2. Dinâmicas	Ortellado (2024)	Convicções vs. Fatos	Simbólica
3. Estratégias	Almeida et al. (2025)	Manipulação e interesses	Fossilista
4. Causas	Hood / Reportagem (2024)	Conspiração e semeadura	Negacionista
5. Ética/Poder	Agualusa (2024)	Negação como sabotagem	Negacionista
6. Impacto	Veiga e Berlatto (2025)	Vulnerabilidade e recepção	Negacionista
7. Endereçamento	Alegria (2023)	Educação e alfabetização	Simbólica

Fonte: elaboração própria

A produção de sentidos sobre a desinformação climática no jornal O Globo não ocorre no vazio, mas em resposta à desordem informacional que se manifesta por meio de estratégias deliberadas de manipulação. Ao articularmos a análise discursiva do *corpus* da pesquisa com as categorias sistematizadas pelo NetLab/UFRJ (2024), apontamos que o jornalismo assume uma função de restauração, de busca de credibilidade e autoridade da ciência frente ao caos das narrativas de redes sociais, conforme matriz discursiva sistematizada no Quadro 2.

Quadro 2 - Matriz Discursiva: Categorias de Desinformação vs. Formações Discursivas

Categorias de Desinformação (NetLab/UFRJ, 2024)	Formação Discursiva predominante	Disputas e efeitos de sentido
Categoria 2: Negar a relação entre os eventos extremos e as mudanças climáticas.	FD Negacionista	Combate a negação ao mobilizar o consenso científico e os relatórios do IPCC. Produz um efeito de enquadramento que situa o negacionismo não como mera opinião, mas como motor estrutural e sabotagem da própria tragédia

Categoria 1: Afirmar que a resposta governamental tem sido insuficiente. Categoria 4: Inflar o papel de aliados na resposta à crise:	FD Simbólica	Contrapõe a "convocação de fatos" motivada pela raiva e pela indignação institucional nas redes, enquadrando tais dinâmicas como manifestações de uma militância política organizada (efeito torcida). O jornalismo exerce certo monopólio do poder simbólico ao articular vozes legítimas e autoridades internacionais para arrefecer o caos afetivo.
Categoria 3: Inserir a tragédia nas pautas morais e em teorias da conspiração. Categoria 5: Beneficiar-se da tragédia através de autopromoção, doações e fraudes.	FD Fossilista	O discurso jornalístico retira a desinformação do campo do "erro natural" ou do algoritmo para denunciá-la como uma "arma" intencional. Vincula a circulação de conspirações e fraudes aos interesses econômicos e privados de setores poluidores que visam retardar ações climáticas urgentes.

Fonte: elaboração própria

Como resultado analítico, observamos a realização de operações discursivas de contraponto entre as estratégias de desinformação multiplataforma e a resposta estruturada pelo jornalismo de referência. Desta forma, a categoria número 2, “negar a relação entre os eventos e as mudanças climáticas” (NETLAB, 2024, p. 5), é combatida pelo jornal a partir da FD Negacionista, reforçando que não resta dúvida sobre a crise, suas causas e desdobramentos. Para isso, aciona uma memória discursiva sobre a validade científica, o consenso científico. Desta forma, traz o enquadramento do negacionismo como motor da tragédia, longe de ser uma mera opinião.

Quanto às categorias que afirmam a insuficiência governamental (1) ou até mesmo o papel dos aliados políticos (4), podemos associar à resposta por meio da FD Simbólica. Neste enquadramento, há um contraponto mais contextual e complexo. Enquanto a desinformação se vale de “convocar fatos” para destilar indignação contra o Estado, observamos enquadramentos de afetos como uma militância organizada (lembrando aqui uma torcida). A disputa de sentidos, de poder-saber (Foucault, 2004) e de poder simbólico (Bourdieu, 1989) se coloca tendo o discurso das redes afetado pela raiva, enquanto o jornalismo tenta racionalizar o debate, articulando fontes especialistas e vozes legítimas, que conversam com entidades como ONU e Unesco.

Por fim, a categoria número 3, voltada a teorias da conspiração, e a 5, que se aproveita do desastre para benefício próprio, são tratadas pelo jornal como produção deliberada de desinformação. Como a análise discursiva revela, a desinformação não é um “erro” natural das redes, mas uma “arma” articulada por setores econômicos interessados em retardar as ações climáticas e as

políticas ambientais. A FD Fossilista participa do enquadramento de que a desinformação impacta diretamente na percepção pública da emergência climática, como constata Essien (2025), em favor de interesses privados.

Considerações finais

Observar como o jornalismo trata a desinformação climática constitui uma forma de aproximar a reflexão tanto sob o ponto de vista da crise climática e dos eventos extremos quanto do papel do próprio jornalismo no contexto contemporâneo da desordem informacional. Desta forma, acionamos os elementos teóricos e metodológicos com o objetivo de compreender como o jornal *O Globo*, por meio de textos publicados entre 2023 e 2025, um período de extremos climáticos, constrói sentidos sobre a desinformação climática.

Ao confrontar as categorias da desinformação em contextos de eventos extremos, como no caso do desastre no Rio Grande do Sul, o jornal acaba por se posicionar como uma instância de racionalização. Mesmo assim, muitas vezes também privilegia saberes institucionais em detrimento de vozes de vítimas e pessoas vulnerabilizadas, o que mantém uma hierarquia de saberes que o novo regime climático nos convoca a repensar.

Encontramos três formações discursivas que se articulam como resposta às principais categorias de desinformação que circularam na época das inundações históricas do RS. As FDs Negacionista, Simbólica e Fossilista compõem, em conjunto, uma intervenção discursiva racionalista diante da desordem informacional climática que sobreveio junto aos eventos no período estudado. Os enquadramentos dos textos no jornal *O Globo* apontam aspectos relevantes da discussão sobre a validade do jornalismo, das agências de checagem e da educação midiática e alfabetização científica, evidenciando a preocupação em validar a legitimidade da comunicação também como valor social na disputa de verdades no debate público.

Após identificar as relações entre formações discursivas, enquadramentos e elementos narrativos entre eles, atores sociais acionados e atribuições de responsabilidade, podemos afirmar que o jornal cumpre a função de combate à desinformação de forma técnica, com a voz de especialistas, mas ao mesmo tempo fica longe de outros saberes. O foco demasiado em fontes especialistas e institucionais pode ser percebido como “arrogante e presunçoso”, em autocrítica jornalística

publicada no próprio jornal, o que pode gerar um distanciamento ainda maior das pessoas em relação à real necessidade de ação climática.

Bibliografia

AGUALUSA, José Eduardo. O que fazer enquanto tudo arde?. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 set. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/coluna/2024/09/o-que-fazer-enquanto-tudo-arde.ghtml>. Acesso em 09 mar. 2026.

ALEGRIA, João. Desinformação e Mudanças Climáticas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 dez. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/um-profe-pelo-mundo/post/2023/12/desinformacao-e-mudancas-climaticas.ghtml>. Acesso em: 09 mar. 2026

ALMEIDA, Esther; AZEVEDO, Luis Felipe; FIGUEIREDO, Janaina; GAMA, Rafaela. Desinformação Climática entra na mira dos debates na COP 30, que é alvo de Fake News nas redes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 nov. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/cop-30-amazonia/noticia/2025/11/15/desinformacao-climatica-entra-na-mira-dos-debates-na-cop30-que-e-alvo-de-fake-news-nas-redes.ghtml>. Acesso em 09 mar. 2026.

AMARAL, Márcia Franz. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **LÍBERO**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 43-54, 2015. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/19 > Acesso em: 8 dez. 2024.

ARÊAS, João Braga. **Batalhas de O Globo (1989 - 2002):** O Neoliberalismo em questão. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

BECKER, Daniel. A enchente que não se vê. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/daniel-becker/post/2024/05/a-enchente-que-nao-se-ve.ghtml>. Acesso em: 09 mar. 2026

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. Imagens de Santídio Pereira. Texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora: Piseagrama, 2023.

BRAGA, José Luiz. Circuitos de comunicação. *In*: BRAGA, José Luiz *et al*. **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017. cap. 2, p. 43-64. Disponível em: https://doi.org/10.7476/9788578795726. Acesso em: 04 jun. 2026.

BRÍGIDO, Edimar I. **Michel Foucault:** Uma Análise do Poder. Rev. Direito Econ. Socioambiental, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, jan./jun. 2013.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUSS, Gustavo (coord. ed.) et al. Guia de integridade da informação no contexto da crise climática no Rio Grande do Sul: protocolos, boas práticas e governança da informação para enfrentar a infodemia climática. Rio de Janeiro: **Fiocruz**, 2025. 200 p. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/304997-guia-de-integridade-da-informacao-no-contexto-da-crise-climatica-no-rio-grande-do-sul. Acesso em: 14 mar. 2026. ISBN 978-65-01-78982-8.

CAPELETTI, Janaína Cardozo. **O ESG no discurso jornalístico sobre meio ambiente:** uma análise da cobertura do portal do Jornal Valor Econômico. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

COMISSÃO EUROPEIA. Direção-Geral da Ação Climática. Desinformação climática. Bruxelas: **Comissão Europeia**, 2024. Disponível em: https://climate.ec.europa.eu/eu-action/climate-disinformation_en?prefLang=pt. Acesso em: 23 fev. 2026.

DAMACENA, Fernanda D. L. Justiça climática compensatória no antropoceno: o que é isso? In: KWEITEL, Juana (Org.). **Clima e direitos humanos**: vozes e ações. São Paulo: Conectas Direitos Humanos, 2021. p. 60-64. Disponível em: <https://www.conectas.org/wp-content/uploads/2021/09/ebook_climatico-12.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

DO BRASIL AO QUÊNIA: DESINFORMAÇÃO CLIMÁTICA OFUSCA OCORRÊNCIA DE INUNDAÇÕES RECORDES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/clima-e-ciencia/noticia/2024/06/12/do-brasil-ao-quenia-desinformacao-climatica-ofusca-ocorrencia-de-inundacoes-recordes.ghtml>. Acesso em 09 mar. 2026

ESSIEN, Essien Oku. Climate Change Disinformation on Social Media**:** A Meta-Synthesis on Epistemic Welfare in the Post-Truth Era. **Social Sciences**, Basel, v. 14, n. 5, p. 304, maio 2025. DOI: https://doi.org/10.3390/socsci14050304. Disponível em: https://www.mdpi.com/2076-0760/14/5/304. Acesso em: 16 fev. 2026.

FEITOSA, Sara Alves. Comunicação pública e desinformação: mitigação de danos à democracia diante de eventos climáticos extremos. **Revista Comunicação Midiática,** Bauru, SP, v. 19, n. 1, p. 35–53, 2025. Disponível em: https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/623. Acesso em: 14 mar. 2026.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008

GIRARDI, Ilza; MASSIERER, Carine.; MORAES, Cláudia, LOOSE, Eloisa; NEULS, Gisele, SCHWAAB, Reges. Discursos e vozes na cobertura jornalística das COP15 e 16. **Em Questão**, v. 19, n. 2, p.

176-194, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645973011.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

GÓES, Cristian. Os 100 anos de O Globo: outras histórias que esse jornal não vai lhe contar. **Mangue Jornalismo**, 2025. Disponível em: <https://manguejornalismo.org/os-100-anos-de-o-globo-outras-historias-que-esse-jornal-nao-vai-lhe-contar/>. Acesso em: 16 de fev. de 2026.

GUERRA, A. de L. e R.; STROPARO, T. R.; COSTA, M. da; CASTRO JÚNIOR, F. P. de; LACERDA JÚNIOR, O. da S.; BRASIL, M. M.; CAMBA, M. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 15, n. 7, p. e4019 , 2024. Disponível em: https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019.Acesso em: 26 fev. 2026.

IPCC. **Climate Change 2023**: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Edited by Core Writing Team, Hoesung Lee, and José Romero. Geneva: IPCC, 2023. 184 p. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/. Acesso em: 14 mar. 2026.

LAMB, William F. *et al.* Discourses of climate delay. **Global Sustainability**, [s. l.], v. 3, e17, p. 1-5, 2020. DOI: https://doi.org/10.1017/sus.2020.13. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/global-sustainability/article/discourses-of-climate-delay/7B11B722E3E3454BB6212378E32985A7. Acesso em: 20 nov. 2025.

LATOUR, Bruno. **O Novo Regime Climático impõe uma nova forma de fazer política**. Entrevista com Bruno Latour. IHU Unisinos. São Leopoldo, 28 mar. 2022. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617246-todos-se-sentem-traidos-entendemos-que-esse-modelo-nao-e-mais-possivel-entrevista-com-bruno-latour. Acesso em 01 abril 2024. Acesso em: 20 fev. 2026.

LOOSE, E.B. **Jornalismo e Riscos climáticos**: Percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores. 1. ed. [S. l.]: UFPR, 2021. 271 p. ISBN 9786587448374.

LOOSE, E.B.; GIRARDI, I. O jornalismo ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **Interin**, v. 2, n. 2, p. 154–172, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169150>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S.; MIRANDA, A. C. (org.). **Saúde e ambiente sustentável**: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 344 p. ISBN 978-85-7541-366-1. Disponível em: https://books.scielo.org. Acesso em: 01 mar. 2026.

MORAES, Cláudia Herte de. **Entre o clima e a economia**: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, IstoÉ, Época e Carta Capital. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e

Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MORAES, Cláudia Herte de. Capítulo 39 -Cobertura sobre mudanças climáticas no Brasil: os direitos humanos como tópico da repercussão do IPCC-AR6. In: PRIETO, Victoria Garcia ZAMBRUNO, Laura Manzano (Orgs.). **Pensar el poder: Derechos Humanos y herramientas comunicativas**. 1°. Madrid: Dykinson S.L., 2022. p. 674-693.

MORAES, Cláudia Herte de. Educação midiática e capacitação contínua. In: BUSS, Gustavo (coord. ed.) et al. **Guia de integridade da informação no contexto da crise climática no Rio Grande do Sul:** protocolos, boas práticas e governança da informação para enfrentar a infodemia climática. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2025. p. 139-148. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/304997-guia-de-integridade-da-informacao-no-contexto-da-crise-climatica-no-rio-grande-do-sul. Acesso em: 14 mar. 2026.

MORETZSOHN, Sylvia. O Novo Ritmo da Redação de O Globo: a prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia. **Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 59-79, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/234>. Acesso em 16 de fev. de 2026.

NETLAB/UFRJ. Enchentes no Rio Grande do Sul: uma análise da desinformação multiplataforma sobre o desastre climático. Rio de Janeiro: **NetLab/UFRJ**, 2024. Disponível em: https://netlab.eco.ufrj.br/post/enchentes-norio-grande-do-sul-uma-an%C3%A1lise-da-desinforma%C3%A7%C3%A3o-multiplataforma-sobre-o-desastre-clim%C3%A1ti. Acesso em: 9 mar. 2026

OIMC/OPEL - OBSERVATÓRIO INTERDISCIPLINAR SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS (OIMC/UERJ)/OBSERVATÓRIO POLÍTICO E ELEITORAL (OPEL/UFRJ-UFRRJ). **Emergência Climática e Políticas Públicas**: Mapeando a Percepção da Cidadania no Plano. Instituto Clima e Sociedade (ICS), 2025.

ONU BRASIL. **Informe de Política para a Nossa Agenda Comum**: Integridade da Informação nas Plataformas Digitais. Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais - ABCD, out. 2023. Disponível em: https://www.abcd.usp.br/noticias/integridade-da-informacao-redes-digitais-onu/. Acesso em: 04 ago. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. **Discurso e texto:** Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORTELLADO, Pablo. **Como lidar com a desinformação?**. O Globo, Rio Janeiro, 18 de maio de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/pablo-ortellado/coluna/2024/05/como-lidar-com-a-desinformacao.ghtml>. Acesso em 09 mar. 2026.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et. al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad. Bethânia Mariani et al. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

_____. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

SANTINI, Rose Marie; BARROS, Carlos Eduardo. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, e5948, maio 2022. DOI: https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5948. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/b26f/fd36a68c6ec2f03771935b72094232882a98.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.

UNESCO. Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional: Disposição e Competências do País. Brasília: **UNESCO**, Cetic.br, 2016. Disponível em: https://bibliotecadigital.acervo.nic.br/server76/api/core/bitstreams/27ce7ddc-eb94-41bf-af5b-4dc7f5c12c7e/content. Acesso em: 04 ago. 2025.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). What are climate misinformation and disinformation — and how can we tackle them? Climate Promise, [s. l.], 2025. Disponível em: https://climatepromise.undp.org/news-and-stories/what-are-climate-misinformation-and-disinformation-and-how-can-we-tackle-them. Acesso em: 7 jun. 2026.

VEIGA, Luciana Fernandes; BERLATTO, Fábia. Artigo: **Desinformação climática confunde, mas não convence**. O Globo, Rio de Janeiro, 05 nov. 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2025/11/artigo-desinformacao-climatica-confunde-mas-nao-convence-completamente.ghtml. Acesso em: 09 mar. 2026.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder:** toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set./dez. 2014.

Recebido em: 15/04/2026

Aceito em: 15/06/2026

[1] Doutora em Comunicação e Informação. Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus de Frederico Westphalen/RS e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) campus Santa Maria. Email: claudia.moraes@ufsm.br

[2] Jornalista e Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus sede. Email: vanesa.romansin@acad.ufsm.br

[3] Estudante de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus de Frederico Westphalen/RS, e bolsista FIPE. Email: simony.grave@acad.ufsm.br